

## O EFEITO TERAPÊUTICO DO ATO DE OUVIR E CONTAR HISTÓRIAS EM UM SETOR DE TRATAMENTO ONCOLÓGICO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Larissa Carla de Almeida Silva*  
Acadêmica de Psicologia - UFAL  
larissa.lcas@gmail.com

*Rosane Ferreira Gracindo*  
Acadêmica de Psicologia - UFAL  
rosaneferregraci@gmail.com

*Maria Isabel Fernandes Calheiros*  
Bibliotecária do HUPAA-UFAL- EBSEH  
fernandesmifb@gmail.com

*Vanessa Ferry de Oliveira*  
Psicóloga do HUPAA-UFAL-EBSEH  
psic\_vanessaferry@hotmail.com

*Johseph Paballo Gomes de Souza*  
Residente Multiprofissional HUPAA-UFAL-EBSEH  
paballo14@hotmail.com

**Tipo de Apresentação:** Pôster

**Resumo:** O presente trabalho surge da experiência em um projeto de extensão intitulado “Anjos do HUPPA: a arte de contar histórias e outras práticas biblioterapêuticas em hospital de ensino e assistência”. A partir desse contexto, relatamos aqui a vivência das acadêmicas de psicologia mediante o ato terapêutico de contar histórias para adultos em tratamento oncológico no Centro de Alta Complexidade em Oncologia. Buscamos refletir sobre o efeito da contação de histórias para um público diferenciado, constituído por pacientes adultos da oncologia. Como objetivo de pesquisa, propomos identificar aspectos do efeito terapêutico do estímulo imaginário de ouvir histórias durante o processo da quimioterapia. Permeando um diálogo entre o contar histórias e ouvir relatos das histórias de vida trazidas pelos pacientes.

**Palavras-chave:** Contação de histórias, Psico-oncologia, Narrativas orais.

## 1. Introdução

As histórias permeiam a vida do homem desde os primórdios dos tempos; é uma ferramenta que pode ser utilizada para auxiliar os indivíduos nos processos de comunicação humana, de construção de mundo e de formação pessoal. Pensando-se dessa forma, somos construídos a partir de nossas histórias e o ouvir histórias também tem efeito em todas as fases de desenvolvimento da vida humana.

O ambiente hospitalar, muitas vezes pode ser angustiante, para o paciente fragilizado por toda situação vivenciada e experienciada por um diagnóstico de câncer, que provoca temeridade ao diagnosticado e sua família. Deste modo, a contação de histórias para esse paciente e seu acompanhante, provoca momentaneamente a fuga da realidade, propiciando-lhe alguns minutos de distração, tirando-o desse lugar de adoecimento. (FARJADO et al, 2016)

Assim, esse relato buscou realizar uma reflexão sobre a prática de contar histórias e seu efeito terapêutico no Centro de Alta Complexidade em Oncologia (CACON) do HUPAA, no que tange aos aspectos que proporcionam uma reelaboração do ambiente, especificamente na sala de quimioterapia. Precisamente, a reflexão proposta abrange a percepção das pesquisadoras sobre as/os pacientes em tratamento; discute aspectos como ociosidade e angústia diante da espera pela finalização do processo da medicalização; e, ainda, a experiência oriunda do contato com os/as acompanhantes.

A pergunta norteadora deste relato de experiências é: Quais efeitos terapêuticos do ato de contar histórias são percebidos pelas acadêmicas de psicologia atuantes na extensão “Anjos do HUPAA, no setor de oncologia do HUPAA”?

## 2. Referencial Teórico

Calheiros et al (2017, p. 28) diz que:

A arte de contar histórias é uma prática milenar que está presente na vida dos seres humanos desde os primórdios dos tempos. Contar histórias, ler um livro ou recitar uma poesia para adultos, idosos adolescentes e crianças estimula a imaginação, revela um mundo mágico onde tudo é possível, e viabiliza entrar em contato com as próprias emoções.

A prática de contar histórias pode ser considerada atualmente como uma prática terapêutica, que pode ser aplicada do público infantil ao idoso, ao contrário dos que muitos pensam, que a aceitação e o envolvimento atingem somente as crianças.

Para Lemos e Silva (2012), as verdades curativas são tecidas a partir da relação existente entre as tramas pessoais e as tramas literárias. Pois, todo ser humano sente-se convidado ao entrar no reino da magia e universos fantásticos, onde tudo é possível, ao ouvir o: Era uma vez ou o Há muito e muito tempo atrás. Mesmo esse convite, as vezes mesmo, causando certo incomodo o encantamento das histórias é capaz de envolver o ouvinte em qualquer ambiente que ele se encontre.

Gimenes (1994) apud Costa Junior (2001), define a psico-oncologia como uma área de interface entre a oncologia e a psicologia, tomando por base concepções de saúde e doença inerentes ao modelo Biopsicossocial que se ocupa:

(a) com a identificação do papel de fatores psicossociais, tanto na etiologia quanto no desenvolvimento da doença; (b) com a identificação de fatores de natureza psicológica envolvidos com prevenção e reabilitação do paciente portador de câncer; e (c) com a sistematização de um corpo de conhecimentos que possa fornecer subsídios tanto à assistência integral do paciente oncológico e de sua família, como também à formação de profissionais de saúde envolvidos com o seu tratamento.

A psico-oncologia começou a surgir como área de conhecimento, quando profissionais da área de saúde passaram a reconhecer que o desenvolvimento do câncer, bem como a andamento do processo de tratamento da doença sofriam a influência de variáveis sociais e afetivas que estavam além da circunscrição médico-biológica. (GIMENES, 1994 apud COSTA JUNIOR 2001)

### 3. Metodologia

A metodologia deste trabalho está pautada no relato de experiência de acadêmicas de psicologia na extensão universitária “Anjos do HUPAA”. A proposta contempla a descrição de atividades, de cunho qualitativo.

A participação nas sessões de contação de histórias no CACON, se deu após participação em uma oficina de capacitação para os alunos extensionistas do projeto de contação de histórias. A oficina de capacitação em contar ou ler histórias abordou as técnicas, dicas e recursos usados no desenvolvimento destas atividades. O conteúdo programático dissertou sobre as temáticas: por que, para que e como contar histórias – reflexões sobre a prática de contar histórias; A literatura infantil – aspectos teóricos e históricos; Níveis de leitura – adequação do texto ao público; Instrumentos e recursos para contação de histórias. Posteriormente a oficina, as práticas das ações foram realizadas quinzenalmente às segundas feiras no período da tarde no setor CACON do HUPAA.

A realização das sessões de contar histórias era precedida de reuniões e planejamento pelos integrantes do grupo, escolhendo as temáticas das histórias a serem contadas e as estratégias de desenvolvimento da ação. Durante a atividade havia um acolhimento aos pacientes sempre com musicalização, entre uma história e outra recitava-se poesias e na finalização da apresentação abria-se espaço para os pacientes e acompanhantes contarem suas histórias e também realizar um feedback a respeito da ação. O material utilizado durante as atividades foram pandeirolas, objetos ilustrativos como fantoches, lenços, dobraduras, entre outros.

### 4. Resultados e Discussões

O Período analisado foi de fevereiro a agosto de 2017, foram realizadas 10 sessões, que atenderam um público de 145 pessoas. O ato de contar histórias para esse público, no espaço específico do tratamento oncológico, mostrou, que essa ferramenta pode ser utilizada para promover à escuta e observação dos assistidos, viabilizando perceber características em comum entre as narrativas de vida trazidas pelos pacientes.

Por meio das atividades propostas no setor, notou-se que durante o processo da quimioterapia são realizados procedimentos de tratamento invasivo ao corpo que provocam tensão e ansiedade. Nesse contexto, o ato de contar história mostrou-se de grande valia para diminuição desses fatores.

Um dos resultados mais claros foi a identificação da necessidade de falar e de ser ouvido. O fato de ter oportunidade de receber a escuta gera reações dentre os pacientes e acompanhantes que apontam para a percepção de bem-estar decorrente do ato. As pesquisadoras ainda perceberam a positividade que muitos pacientes demonstraram após ouvirem as histórias, e que esse ato é capaz de resgatar as memórias afetivas da infância.

## 5. Considerações finais

As ações promovidas mostraram-se operativas, correspondendo consideravelmente às expectativas traçadas no objetivo do projeto. Com base no que foi experienciado, pode-se dizer que o momento da contação de história é um aprendizado tanto para o mediador quanto para o ouvinte.

Vale ressaltar, que antes de pacientes oncológicos, deve-se considerar que são indivíduos que trazem suas histórias, suas vivências e suas experiências de vida. O ato de contar histórias então, pode ser usado como ferramenta para auxiliar na ressignificação desse contexto que envolve a oncologia.

Assim, o ato de contar história se configura como prática terapêutica, por auxiliar na redução da tensão e ansiedade, propiciada pelas partilhas da oralidade e das narrativas de memórias afetivas.

## Referências

CALHEIROS, M. I. F. et al. Anjos do hupaa: a atuação biblioterapêutica de contadores de histórias no setor pediátrico de hospital de ensino e assistência. **Gep News**, Maceió: GEP-HUPAA-UFAL-EBSRH, v. 1, n. 3, p. 28-31, jul./set. 2017. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/gepnews/article/view/3499/2542>> Acesso em: 11. set. 2017

COSTA JUNIOR, A. L.O. desenvolvimento da psico-oncologia: implicações para a pesquisa e intervenção profissional em saúde. **Psicol. cienc. prof.** [online], Brasília: CFP,

v. 21, n. 2, p. 36-43, jun., 2001. Disponível em: <  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932001000200005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932001000200005)>.  
Acesso em: 11 set. 2017.

FAJARDO, R. S. et al. Sala de espera: um momento para se contar histórias. **Rev. Ciênc. Ext.** v.12, n.1, p. 14-18, 2016. Disponível em: <  
<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/143176/ISSN1679-4605-2016-12-01-14-18.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 05 set. 2017.

LEMOS, A. C.; SILVA, N. C. A função terapêutica da arte de contar histórias.  
**Intersemiose**, Recife: UFPE, a. 1, v. 1, n. 1, p. 7-23, jan./jul. 2012. Disponível em: <  
<http://www.neliufpe.com.br/wp-content/uploads/2012/06/01.pdf>>. Acesso em: 05. Set.  
2017.